

# Elites juntam-se ao povo e criticam política do Governo

**Contestação** Executivo de Passos Coelho está cada vez mais isolado, num momento em que muitos dos objectivos estão por cumprir.

**Margarida Peixoto**

margarida.peixoto@economico.pt

A contestação deixou de ser um exclusivo das ruas. De dia para dia, somam-se as vozes da elite às críticas ao Governo. Ontem foi a vez da SEDES tomar uma posição de força e avisar que “ninguém confia em quase nada que seja prometido pelo Governo”. Passos Coelho está cada vez mais isolado.

Primeiro foram as manifestações na rua. Agora, são organizações como a SEDES ou a SAER e ex-ministros (de Manuela Ferreira Leite, a Bagão Félix, bem como Freitas do Amaral) que se fazem ouvir contra o caminho que está a ser traçado pelo Governo.

A crítica das elites não é exactamente a mesma da que se ouve nas ruas: os primeiros “não criticam a austeridade enquanto tal, mas sim o desenho do programa [de ajustamento]”. Já na rua, faz-se “uma rejeição do programa como um todo”, explica Nuno Teles, investigador do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. Mas o resultado é um Governo mais isolado num momento em que se chega à recta final do programa da “troika”, ainda com a reforma do Estado por concretizar e as principais metas orçamentais por cumprir.

Ontem, a SEDES tomou uma posição dura em relação ao Governo. “Por erros de comunicação, políticas erráticas e decisões fora de tempo, criou-se uma incerteza absolutamente desnecessária e um ambiente de desconfiança em relação ao Estado de Direito incompatível com a recuperação da economia do investimento e do emprego”, lê-se no documento publicado pela organização liderada pelo ex-ministro Luís Campos e Cunha.

Na semana passada, a consultora SAER apresentou o seu relatório trimestral onde frisou o desgaste da política de austeridade e

os “anticorpos” criados junto de “uma parte significativa da população”. A consultora colocou o dedo na ferida, notando que apesar da reforma do Estado ter sido dada como prioritária, “ninguém é capaz de dizer com certeza que organismos estatais não têm viabilidade”.

“Se eu estivesse no Governo e fosse responsável por este Orçamento rezava todas as noites para que o Tribunal Constitucional chumbasse bastantes medidas”, disse Manuela Ferreira Leite, ex-líder do PSD, dias depois de se conhecer o Orçamento do Estado para o próximo ano. “Estamos na fase da desesperança, que é uma fase que sucede ao desespero”, disse António Bagão Félix, ex-ministro da Segurança Social, segunda-feira, em declarações ao Público. “A maior transformação que se passou nos últimos anos foi a captura do poder político pelo poder financeiro”, defendeu ontem Silva Peneda, presidente do Conselho Económico e Social (CES), que tem sido muito crítico das opções de Passos Coelho.

**“O Governo quebrou os poucos laços que ainda mantinha com alguns sectores ou elites”, diz o sociólogo Pedro Adão e Silva.**

**“Governo quebrou os laços que ainda mantinha com as elites”**

Bruto da Costa, ex-presidente do CES, associa a agitação das elites ao facto de se colocar em causa princípios. “Há um problema de comportamento do Governo”, garante, frisando que, no caso do corte das pensões, o facto de o Executivo frisar que serão poucos os afectados e que o corte é pequeno revela que “não se dá conta de que fere a filosofia de base”.

“Quer dizer que o Governo quebrou os poucos laços que ainda mantinha com alguns sectores ou elites”, acrescenta o sociólogo Pedro Adão e Silva, defendendo que “já não tem quem o segure, a não ser a banca”. O politólogo Carlos Jalali explica que a indignação das elites revela que “temos um processo de crise prolongada”. As medidas sucedem-se, mas os objectivos ainda não foram alcançados: “Os resultados de consolidação orçamental, crescimento, redução da dívida não foram atingidos, ou pelo menos no grau que desejaríamos”, diz o professor. E isso “reforça a ideia de crise prolongada” e “leva a que as críticas sejam potenciadas”, concretiza.

A insatisfação das elites chega num momento em que a tensão nas ruas parece ser menor. Mas isso, para os sociólogos ouvidos pelo Diário Económico, não quer dizer que haja maior tolerância para com a austeridade. “Não vale a pena procurar uma única razão”, reconhece Bruto da Costa. Contudo, “o problema da eficácia das manifestações pode estar na cabeça das pessoas”, frisa. Além disso, medidas como o corte de pensões atingem “pessoas com pouca capacidade de defesa” e cuja reacção natural “não é ir para as ruas”. ■ com C.O.S. e D.F.